

# Proteja os sapos e lagartos

*Esses animais, juntamente com as cobras, constituem um exército de predadores que luta incessantemente contra muitos inimigos da agricultura. Sapos e lagartos são grandes consumidores de insetos*

Sapo não dá **cobreiro**, não existe nenhum lagarto venenoso no Brasil — nem mesmo o famoso jacurixi do pantanal tem qualquer veneno — e as cobras, até as peçonhentas, só atacam quando se sentem ameaçadas. Quem está fazendo uma verdadeira campanha para difundir esses conceitos são os técnicos do setor de répteis do Zoológico de São Paulo, preocupados com a crescente mania dos brasileiros de matar cobras, sapos, lagartos, enfim, qualquer animal que esteja a seu alcance.

“Ainda não há registro de espécies extintas no território nacional como um todo” explica Mário Borges da Rocha, do Zoológico, “mas a distribuição geográfica de cada espécie está ficando dia-a-dia mais restrita, e isso cria um desequilíbrio ecológico”.

O professor Adair Saliba, que dirige a instituição, vai mais além: “Destruídas as cobras comedoras de ratos num único Estado, como o Rio Grande do Sul, o problema já é tão grave pela infestação de ratos silvestres e coelhos, que há quem faça a previsão de que chegaremos a uma situação semelhante à enfrentada pela Austrália, a médio prazo. E a culpa é do homem que acabou com as cobras, com os gaviões, gatos do mato e jaguatiricas que controlavam a população de roedores.

Existem cinco espécies de jacaré no Brasil, 29 espécies de quelônios (tartarugas, cágados e jabotis) e talvez umas quinhentas espécies de cobras e lagartos, tão pouco estudadas que os cientistas têm a certeza de que novas espécies ainda estão para serem identificadas

Não é de hoje que se matam lagartos e cobras, explica Mário Borges. Já no século passado os cientistas viajantes que estiveram no Brasil coletaram dezenas de milhares de exemplares que eram simplesmente enfiados em vidros com álcool. Assim, cobras estranhas como a **Tripa-nurgus compressus**, uma delicada cobra amazônica com tons de negro e vermelho brilhante e a cabeça inteiramente amarela, há mais de cem anos estão espalhadas por museus do mundo inteiro, mas pouco se sabe a respeito de seus hábitos ou alimentação. Um lagarto que quando adulto chega a apenas três centímetros de comprimento, (um micro-teideo, como é conhecido pelos especialistas), também só era estudado no vidro de formol onde foi conservado. Só agora os cientistas estão começando a estudá-lo e com isso descobrir, espantados, que mesmo esses minúsculos animais são agentes muito importantes para o controle de insetos que atacam o homem.

Para estudar esses animais o Zoo-

lógico de São Paulo esta aproveitando o trabalho de salvamento de animais para o qual é convocado com frequência, na medida em que vão sendo construídas as hidrelétricas na Amazônia. A cada viagem, novos animais, quase sempre, raros são trazidos para estudo.

Agora mesmo, um equipe que trabalhou no salvamento dos animais ilhados com o enchimento da represa de Samuel, em Rondônia, trouxe para o Zoológico exemplares de bria talvez a maior lagartixa brasileira, com pelo menos quinze centímetros de comprimento. Os técnicos explicam que, ao contrário do lagarto, o lagartixa não tem pálpebras e possui ventosas nos dedos. De Rondônia também vieram algumas suçubóias, uma pequena cobra da família da jibóia e da sucuri, que já reproduziu no Zoológico e é uma comedora de ratos, além da salamanta, da mesma família mas cuja pele é marrom brilhante, com desenhos dourados.

Não se sabe quais são os hábitos desses animais e, por isso, o Zoológico passou a criar camundongos em quantidade para alimentá-los e desenvolveu uma técnica de alimentação forçada para as cobras (filhotes de rato, passados de clara de ovo, são colocados na boca das cobras). Além disso, o Zoológico está criando grilos, larvas de besouro e, mais recentemente, desenvolveu uma dinâmica criação de baratas. Esses animais, que já aprenderam a comer, estão expostos à visitação pública na Casa dos Répteis. E os estudos continuam com os cientistas tentando aprender mais sobre o que a destruição de uma única espécie poderá representar em termos de proliferação de mosquitos, moscas e outros insetos, além de ratos.

“Há uma cadeia alimentar completa na natureza”, explica Mário Borges, ao destacar que as minúsculas aranhas que habitam jardins e residência comem uma quantidade incrível de moscas e mosquitos”. As lagartixas que muitas donas de casa querem matar sem saber porquê, também liquidam moscas e pernilongos. As cobras comem os ratos; o gavião mata a cobra e nada melhor do que um lagarto para dar cabo a um grande número de baratas. Mas, infelizmente, segundo o cientista, “o caboclo só vê o lagarto como um comedor de ovos, como um invasor de galinheiro”. Essa invasão dos galinheiros é sempre eventual já que seu alimento natural são baratas e gafanhotos. E mesmo as baratas, segundo Mário Borges, não devem ser mortas pelas donas de casa. “A presença de baratas é um indicativo de falta de higiene; significa que há sobras de comida, armários sujos. Se a casa for limpa, a barata desaparece.

Os técnicos do Zoológico de São Paulo estão empenhados em esclarecer o público rural sobre a importância



Os técnicos do Zoológico de São Paulo estão empenhados em esclarecer o público rural sobre a importância dos diversos animais, como o sapo cururu (foto), na cadeia ecológica. A matança de cobras, no Rio Grande do Sul implicou aumento substancial de ratos



Foto: Glória Jales

